Revista Macambira

Narrativas de vida da camponesa Daiane da Silva e suas lutas diárias pela sobrevivência

Karlla Christine Araújo Souza[1]*, **Maria Barbosa do Nascimento**[2]

RESUMO

Francisca Daiane da Silva Costa é uma mulher camponesa da cidade de Jaguaruana, no interior do Ceará, que mora na comunidade de resistência na terra Gregório Bezerra, na zona rural da cidade. Daiane é o motivo principal deste artigo, ela é, ao mesmo tempo, fonte, enfoque e consequência. Para contextualizar a vida de Daiane e ouvi-la, foi utilizado o método biográfico com base em entrevistas com narrativas de vida, utilizando-as como recurso para compreender como um determinado fenômeno de ordem social/cultural/política age/agiu sobre a vida de um sujeito específico e quais são as suas vivências causadas por este fenômeno. No caso deste artigo, uma mulher camponesa e as vivências decorrentes do fato de ela pertencer a esta classe trabalhista. Como resultados parciais, observou-se como Daiane fita a sua vida através da ótica do nomadismo rural, encontrando como fio condutor de sua vida as diversas mudanças que precisou fazer ao longo de sua história, desde sua infância até a vida adulta, em busca da sobrevivência e de um mínimo de dignidade para viver.

Palavras-chave: Narrativas de Vida. Camponesa. Nomadismo Rural.

Life Narratives of peasant Daiane da Silva and her daily struggles for survival

ABSTRACT

Francisca Daiane da Silva Costa is a peasant woman from the city of Jaguaruana, in the interior of Ceará, who lives in the resistance community on Gregório Bezerra land, in the rural area of the city. Daiane is the main subject of this article; she is simultaneously the source, focus, and consequence. To contextualize Daiane's life and listen to her, the biographical method was used based on life narrative interviews as a resource to understand how a particular social/cultural/political phenomenon acts/has acted on the life of a specific individual and what their experiences are due to this phenomenon. In the case of this article, a peasant woman and the experiences arising from her belonging to this working class. As partial results, it was observed how Daiane views her life through the lens of rural nomadism, finding the various changes she had to make throughout her history, from childhood to adulthood, as the guiding thread of her life, in search of survival and a minimum of dignity to live.

Keywords: Life Narratives. Peasant. Rural Nomadism.

Narrativas de Vida de la campesina Daiane da Silva y sus luchas diarias por la supervivencia

RESUMEN

Francisca Daiane da Silva Costa es una mujer campesina de la ciudad de Jaguaruana, en el interior de Ceará, que vive en la comunidad de resistencia en la tierra Gregório Bezerra, en la zona rural de la ciudad. Daiane es el tema principal de este artículo; ella es simultáneamente la fuente, el enfoque y la consecuencia. Para contextualizar la vida de Daiane y escucharla, se utilizó el método biográfico basado en entrevistas con narrativas de vida como recurso para comprender cómo un determinado

[1] Graduada em Antropologia (PPGCS/UFCG), Mestra e Dra. em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB), Professora Adjunta IV do Departamento de Ciências Sociais e Política (DCSP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN), membra do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). Mossoró-RN-BR. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3992-2163; Lattes: http://lattes.cnpq.br/7854992615556435; *Autora correspondente: karllasouza@uern.br.

[2] Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista do PET Ciências Sociais (PETCIS). Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, CEP: 62823-000. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-8152-6563; Lattes: http://lattes.cnpq.br/4194232070193214.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

fenómeno de orden social/cultural/político actúa/actuó sobre la vida de un sujeto específico y cuáles son sus vivencias causadas por este fenómeno. En el caso de este artículo, una mujer campesina y las vivencias derivadas del hecho de pertenecer a esta clase trabajadora. Como resultados parciales, se observó cómo Daiane ve su vida a través de la óptica del nomadismo rural, encontrando en los diversos cambios que tuvo que hacer a lo largo de su historia, desde la infancia hasta la edad adulta, el hilo conductor de su vida, en busca de la supervivencia y un mínimo de dignidad para vivir.
Palabras clave: Narrativas de Vida. Campesino. Nomadismo Rural.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa encontra-se em sua fase inicial. Utilizou-se a metodologia da entrevista com narrativas de vida, tendo a vida de Daiane Silva como tema e objeto da pesquisa. Francisca Daiane da Silva Costa é uma mulher camponesa da cidade de Jaguaruana, no interior do Ceará, que mora na comunidade de resistência na terra Gregório Bezerra, na zona rural da cidade. Utilizou-se a metodologia da entrevista com narrativas de vida, centrando-se na vida de Daiane Silva como enfoque central, de acordo com a forma como a sua subjetividade considerava que era importante e necessário ser dito no momento, obedecendo à ordem em que seus pensamentos e memórias iam vindo à superfície.

O problema de pesquisa foi sintetizado na seguinte questão: Como as desigualdades rurais e o trabalho rural afetaram a vida de Daiane? Na busca por encontrar respostas, contextualizamos sua vida enquanto trabalhadora rural. Objetivou-se, por meio deste artigo, compreender a história de vida e as lutas diárias de Daiane da Silva enquanto trabalhadora no meio rural, para posteriormente acrescentarmos novos objetivos e aprofundarmos a pesquisa e seus resultados.

Justifica-se a importância desta pesquisa pela escuta de vozes que são silenciadas por um processo colonial de continuação de expropriação da terra e dos trabalhadores que nela sobrevivem. Recorrendo à história de vida de Daiane, percebe-se a precarização e vulnerabilidade que trabalhadoras do campo, como ela, vivenciam ao longo de sua vida, sem a certeza de uma terra para plantar e de uma casa para morar, com uma total desassistência social e negligência do Estado.

O MÉTODO DAS NARRATIVAS DE VIDA

No campo da Antropologia e das ciências humanas, existem várias formas de se comunicar com um interlocutor e conseguir compreender aquilo que se coloca como dúvida ou questionamento de uma pesquisa científica. Há métodos que são mais objetivos e visam ao distanciamento entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, assim como métodos que possuem maior fluidez e visam a aproximação entre os membros da pesquisa – antropólogo e

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

interlocutor(es). Um desses métodos que visam à proximidade é o método da narrativa de vida, que busca um avizinhamento mais intimista e humanístico entre o cientista social e o interlocutor a fim de compreender melhor sua história de vida.

A intenção do método das narrativas de vida é captar de forma personalizada as vivências de um sujeito que faz parte de um grupo, como dizem as autoras Edla Ribeiro e Sandra Vasconcelos, "Os sentidos, as crenças, os valores sobre si e sobre o mundo, expostos a cada enunciado, encaminham e justificam as ações dos informantes, além de fazerem emergir a representação de eu particular, mas não independente do corpo social" (Ribeiro; Vasconcelos, 2020, p. 210).

O método das narrativas de vida é utilizado quando se pretende compreender como um determinado fenômeno de ordem social/cultural/política age/agiu sobre a vida de um sujeito em específico e quais são as suas vivências causadas por este fenômeno. No caso deste artigo, uma mulher camponesa e as vivências decorrentes pelo fato de ela pertencer a esta classe trabalhista.

O processo de recolha dessas narrativas se configura como o momento central da metodologia aqui aplicada, pois é preciso que se tenha muita cautela ao conduzir uma entrevista como esta, visto que há um acesso à memória dos sujeitos participantes e, dependendo do tema, pode haver tópicos e assuntos muito sensíveis que podem despertar vulnerabilidades emocionais. Todo o processo acerca da entrevista de narrativa de vida demanda preparação e conhecimento prévio do condutor da entrevista. É preciso saber compreender as entrelinhas e os interditos, do mesmo modo que também é necessário compreender as permissões do que é dito. O *escutador*, enquanto escuta as dores, deve estar atento a cada mínima parte da entrevista.

Exige-se também certa conexão e confiança entre pesquisador e sujeito para que o método possa desempenhar seu total vigor, "Em se tratando de narrativas de vida, o encontro de duas singularidades exige comprometimento e reciprocidade para a criação de um discurso de identidade" (Ribeiro; Vasconcelos, 2020, p. 210). As singularidades mencionadas pela autora devem ser respeitadas pelo pesquisador, não ultrapassando os limites estabelecidos pela ética científica. Vale lembrar que as narrativas de vida também são ciência e devem ser vistas como tal.

O entrevistador deve se adaptar por completo ao seu interlocutor, adentrando na sua forma de falar para ajustar seu vocabulário, facilitando a vida do sujeito da pesquisa. Da mesma forma, também deve adaptar-se ao modo de vida e às condições do entrevistado para

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

ceder à entrevista. No caso deste artigo, Daiane só conseguiria ceder sua entrevista com a presença de toda sua família, não por proibição de seu parceiro, Jacinto[3], mas porque onde ela está, todos os outros membros da família também estão, permanecendo sempre unidos, inclusive na hora do trabalho, como Daiane relatou na entrevista.

Previamente à entrevista, as memórias de uma pessoa são somente memórias. É com o uso do discurso e da verbalização que é possível trazer uma concretude para essas vivências. A entrevista é um acesso constante a essas memórias e vivências, que surgem não em ordem cronológica ou em uma hierarquia de importância, mas de acordo com o que vai sendo resgatado no momento da invocação do sujeito.

Daniel Bertaux (2010) comenta sobre a importância de visitas prévias ao campo, sobre saber compreender e conversar com o campo. Na antropologia, não é tão comum a formulação de hipóteses, pois isso pode ser visto como um engessamento do campo com uma visão de pré-conceitos. O campo é quem vai falar e determinar os rumos da pesquisa, auxiliando o pesquisador a chegar a um resultado que traduza as diferentes linguagens que estão envolvidas na relação que se estabeleceu. Há uma determinada magia em poder se comunicar com o campo de pesquisa e saber exatamente para onde deve seguir, quais caminhos trilhar e quais horizontes vislumbrar. As visitas prévias ao campo servem também para os primeiros contatos com a interlocutora, a fim de construir uma relação de confiança para as entrevistas.

Visitas prévias foram feitas na Comunidade de Resistência na Terra Gregório Bezerra, as quais auxiliaram nos primeiros contatos com Daiane da Silva e sua família, escutando um pouco da sua história e observando seu modo de vida antes de lhe perguntar se aceitava participar desta pesquisa enquanto interlocutora, isto é, como uma voz ativa. A narrativa de vida é um método polifônico e que visa fazer ecoar a voz dos sujeitos que estão às margens da sociedade e do Estado, como é o caso dos moradores da Gregório Bezerra, que são lidos pela sociedade pelo marcador social de "sem terra", com o intuito de colocá-los sob a pecha de pobres coitados ou como destruidores de propriedades.

QUEM SÃO AS CAMPONESAS?

[3] Para os(as) outros(as) participantes deste estudo, ligados(as) diretamente a Daiane, utilizaremos nomes fictícios seguindo a lógica botânica (nome de plantas) para nos guiar. O nome de Daiane permanecerá o real por acreditarmos ser o ideal para a denúncia que realizamos neste artigo e por ter sido por ela autorizado em assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Daiane tem nome, rosto, CPF e uma história que precisa ser reconhecida em sua existência.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

O termo camponês, na estrutura atual da sociedade capitalista, designa aqueles trabalhadores rurais que podem possuir ou não a propriedade da terra, mas que, acima disso, lutam pelo acesso e permanência nela, com direitos e possibilidades de produção. Dessa forma, durante o final do século XX, principalmente no Brasil, buscaram-se outros termos para "higienizar" o sentido do termo camponês, como pequeno agricultor ou agricultor familiar. Todos os termos que buscaram para ressignificar o campesinato foram sempre uma tentativa de apagar seu passado e suas lutas em defesa da soberania alimentar e da reforma agrária, em especial no Brasil. Apesar de todos esses processos, Maria de Nazareth Wanderley explica que o campesinato possui suas particularidades:

> A agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação acima indicada entre propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global. (WANDERLEY, 1996, p.3)

Na Idade Média, havia as terras comunais, que funcionavam como um terreno público em que todos poderiam plantar e realizar a colheita do que foi plantado, sendo de grande e generosa serventia para aquelas pessoas que não possuíam terras próprias. Com o cercamento dessas terras e a instauração da privatização, as pessoas que foram desapropriadas foram ainda mais duramente prejudicadas, pois dependiam da terra de forma integral para seu sustento, conforme descreve Silvia Federici (2010, p. 138): "A função social das terras comunais era especialmente importante para as mulheres, que, tendo menos direitos sobre a terra e menos poder social, eram mais dependentes das terras comunais para a subsistência, a autonomia e a sociabilidade".

Ainda sobre as consequências do cercamento das terras comunais, Silvia Federici nos traz alguns exemplos dos protestos realizados na época, dos quais alguns eram protagonizados por mulheres camponesas, em decorrência de serem as maiores afetadas com a privatização das terras comunais. Silvia Federici (2017, p. 143) afirma que:

> Alguns protestos eram inteiramente femininos. Em 1607, por exemplo, 37 mulheres, lideradas por uma tal "Capitã Dorothy", atacaram mineiros de carvão que trabalhavam naquilo que as mulheres reivindicaram como sendo os campos comuns do vilarejo de Thorpe Moor (Yorkshire). Quarenta mulheres foram "derrubar as cercas e as barreiras" de um cercamento em Waddingham (Lincolnshire) em 1608; e, em 6 1609, num feudo de Dunchurch (Warwickshire), "quinze mulheres, incluindo esposas, viúvas, solteironas, filhas solteiras e criadas, se reuniram por sua conta para desenterrar as cercas e tapar os canais.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

O movimento feminista é uma organização de sujeitos, em sua expressiva maioria, mulheres, que se unem em torno de pautas de interesse coletivo para as mulheres diante de problemas que historicamente recaem sobre este determinado gênero. De acordo com Franchini (2017), as mulheres da primeira onda preocupavam-se com seus direitos civis e políticos, eram as conhecidas sufragistas. Elas não contextualizavam a realidade de mulheres negras que ainda estavam sob o regime de escravidão e alegavam certo receio da liberdade dos escravizados por acreditarem que a conquista de direitos de homens negros seria uma derrota de direitos para elas.

As feministas da segunda onda estavam preocupadas em compreender as raízes da opressão sofrida pelas mulheres, por isso eram chamadas de feministas radicais (raiz) e acreditavam que toda a opressão que as mulheres sofriam eram em decorrência de seu sexo biológico, não levando em conta os outros demarcadores de poder.

Já as pessoas envolvidas na terceira onda preocuparam-se em romper com a unidade, hegemonia e fixidez dos estudos e reivindicações da organização, adotando uma visão pós-estruturalista do movimento. Algumas teóricas emblemáticas dessa época são Kimberlé Crenshaw (2004) e Patricia Hill Collins (2017, 2019), com os ideais de interseccionalidade, alegando que a experiência de cada mulher é única, pois cada uma é atravessada de forma diferente pelas opressões cotidianas dos marcadores de poder. É também nesse momento que há um grande avanço do neoliberalismo em toda a sociedade.

Não se sentindo contempladas com o feminismo vigente no ciclo urbano, principalmente com as reivindicações do feminismo liberal, as camponesas latino-americanas e caribenhas criaram o feminismo camponês e popular, substanciado no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). No site do movimento, apresenta-se uma aba para a explicação do que seria o feminismo camponês e popular, em que consta:

> O Feminismo Camponês Popular é experiência concreta de luta, resistência aos ataques imperialistas contra nossos povos, é proposta de mudança estrutural da sociedade. Se constrói tanto nas bases como nas instâncias nacionais e internacionais, tem a força da diversidade do campesinato latino-americano e caribenho que vive, resiste a partir da construção da agroecologia, da luta por soberania alimentar, por uma seguridade social, que inclua saúde, previdência, assistência pública, universal e solidária, na defesa dos territórios, dos nossos corpos e no enfrentamento a todas as formas de violência sofrida pelas mulheres. É um feminismo que tem suas energias geradas nas propostas dessas mulheres construídas na luta por uma sociedade sem desigualdades. (MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS, 2021)

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Contemplando as companheiras do campo que honram o passado, lutam pelo presente e constroem o futuro mais igualitário, surge assim o Movimento de Mulheres Camponesas, que atua em defesa das mulheres do campo e todas as demais da América Latina e do Caribe, que sofrem em suas peles as consequências da colonização e do imperialismo.

A protagonista deste artigo reside na comunidade de resistência na terra Gregório Bezerra, que se localiza na cidade de Jaguaruana, a 185 quilômetros da capital do estado do Ceará, Fortaleza. A comunidade fica na zona rural de Jaguaruana, em uma antiga fazenda de carcinicultura, a fazenda Águas Belas, improdutiva há quase dez anos e ocupada por militantes camponeses da Organização Popular - OPA. Na data de escrita deste artigo (primeiro semestre de 2024), a comunidade, que foi ocupada em 25/02/2023, ainda não possuía rede elétrica nem água encanada, tampouco saneamento, em decorrência do processo de negociação da venda da terra para o Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará – IDACE. Contudo, os moradores lotearam a terra e a distribuíram entre si, com a finalidade de começar a produção de alimentos para subsistência. Mesmo em condições habitacionais precárias, alguns militantes já residem na comunidade, como é o caso de Daiane e sua família.

Em virtude dessa precarização habitacional, alguns ocupantes ainda não moram na comunidade, mantendo trabalho e residência na zona urbana, como é o caso de outras companheiras. Contudo, há aqueles que podem perseverar e lutar na terra, plantando roças de feijão, melancia, jerimum, maxixe, gergelim, milho e buscando a sobrevivência dentro da própria comunidade. Falamos do verbo “poder”, pois para alguns é privilégio e para outros é necessidade, como para Daiane e seu esposo que necessitam da terra para morar e complementar a renda com a coleta de galhos secos.

Em um momento prévio de encontro com Daiane, ela relatou o empenho que era necessário para que seus filhos tivessem acesso à educação, necessitando percorrer cerca de 2 quilômetros a pé ou de carroça do seu lote até o ponto em que o transporte escolar passa para buscar os alunos. Daiane tem três filhos que estudam na educação infantil/básica: dois estudam de manhã e um estuda à tarde, e há um conflito de horários no processo de buscar os mais novos e deixar o mais velho no ponto, o que fez Daiane levar seu filho mais velho para morar durante a semana com uma amiga em uma comunidade próxima à escola. A prefeitura de Jaguaruana se recusa a alterar a rota do transporte escolar para facilitar a vida das mães da comunidade Gregório Bezerra.

Nas terras do sertão do Ceará, manifesta-se que as realidades são as mais heterogêneas possíveis, contudo todas convergem para a luta pela terra e para uma reforma agrária que se

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

torna mais urgente a cada dia. A cidade é um dos maiores polos de produção da rede de dormir e é dessa produção que muitas mulheres, na zona rural ou urbana, tiram seu sustento.

Na comunidade, há mulheres que não moram em seus respectivos lotes, precisando morar na cidade em decorrência do trabalho e da educação dos filhos. São muitas realidades que não podem e nem devem ser condensadas em uma única visão do campesinato feminino. Contudo, como uma regra da comunidade, todos os moradores devem estar presentes nas reuniões de domingo e nos momentos de revitalização dos espaços comuns. Percorrendo a comunidade no domingo, também é possível observar que muitos moradores utilizam este dia para a construção de suas moradias em seus lotes, assim como para o cuidado com o plantio que cada um realiza.

As mulheres camponesas da comunidade de resistência na terra Gregório Bezerra participam de oficinas ocasionalmente com o Coletivo Classista Feminista Ana Montenegro – Ceará. São utilizadas dinâmicas e diversas ferramentas para tratar de assuntos de interesse do grupo, fortalecendo a sociabilidade entre as moradoras da comunidade, que passam a conhecer melhor os seus pares. No primeiro encontro realizado com o Coletivo, trabalhou-se a sociabilidade e a importância de cada uma dessas camponesas para a comunidade como um todo, utilizando o afeto como ferramenta de contato entre elas.

Já no segundo encontro, em decorrência da campanha Agosto Lilás, trabalhou-se a temática da violência contra a mulher, momento em que muitas relataram suas experiências de sobrevivência ou de vivência de agressões por seus companheiros. Esses momentos exclusivos das mulheres demonstram-se de extrema importância para a construção do espírito comunitário e da sororidade entre as companheiras.

A comunidade conta com a liderança da Margarida e do seu esposo, Lisianto. Ambos realizam a tarefa da liderança com grande maestria, mas é com Margarida que as mulheres da comunidade mais se identificam e se conectam com maior facilidade, recorrendo a ela em momentos de agonia ou de felicidade, sempre com a certeza de que podem contar com ela. Margarida é uma agricultora de nascença, militante da Organização Popular - OPA, e graduada em Licenciatura em Educação do Campo. Ao realizarmos uma entrevista com Margarida para outra pesquisa, ela me relatou como era sua relação com as mulheres da comunidade e como ela procedia em algumas situações, conforme suas próprias palavras:

> “**Margarida**: *Então a minha relação com as mulheres é uma relação muito presente, tão presente que até problemas familiares a gente constrói junto pra ir avançando. Então muitas delas sofrem opressão, a gente tem que dizer isso. Muitas mulheres camponesas sofrem opressão*

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

> *dos seus companheiros e muitas delas vêm me procurar pra como resolver essas situações. E a gente sempre trabalha pra que a mulher vá se libertando, nesse sentido.*" (MARGARIDA, 2023).

A comunidade conta com formações realizadas pelas feministas do Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro – Ceará, que buscam, em parceria com a Margarida, a formação e a informação dessas mulheres para que elas possam quebrar o ciclo da violência de gênero, inclusive com a ajuda das outras mulheres companheiras da comunidade Gregório Bezerra.

A VIDA DE DAIANE DA SILVA

Francisca Daiane da Silva é uma mulher de 34 anos de idade, negra, trabalhadora do campo, mãe de quatro filhos e casada com Jacinto. Conhecemos Daiane em nossas visitas à comunidade de resistência na terra Gregório Bezerra; em uma delas paramos na casa de Daiane, e ela contou um pouco mais sobre sua vida e as batalhas que ela estava travando naquele momento. Ao ouvir este recorte da vida de Daiane, passamos a nos interessar em saber mais sobre a história da sua vida, por isso a utilização do método da entrevista com narrativas de vida, acreditando que este seria o mais eficaz para atingir o objetivo de conhecer melhor a história de vida da Daiane. Sempre muito receptiva e gentil com as pesquisadoras, Daiane colaborou com a pesquisa que está em andamento. Salienta-se que, no dia da entrevista (03 de fevereiro de 2024), ela assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com os termos do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Ao perguntarmos como havia sido a infância de Daiane, a primeira resposta que ela dá é a ausência de laços amizade nesta fase de sua vida, em decorrência de uma espécie de nomadismo rural. Caracteriza-se aqui como nomadismo rural o processo que Daiane (como outras mulheres camponesas) viveu ao longo de toda a sua vida com a recorrente mudança de moradia em busca de sobrevivência, tal como ela relata:

> "**Mariana Barbosa:** *Eu queria que você me contasse um pouco sobre a sua vida, a sua*
> *infância até você chegar na idade adulta. Como foi?*
> **Daiane da Silva**: *Não tive tipo de brincar com criança porque minha mãe não se decidia aonde morar mais o meu pai. Era como ciganos, vivendo no meio de ciganos, não tinha como a gente brincar, né? Dia era num canto, dia era noutro. Andemos por vários cantos, aí ninguém sabe nem onde é os canto que andemo mesmo, porque era assim: um dia meu pai tava num lugar, dia tava no outro, era assim a rotina direto.*" (COSTA, 2024).

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Sobre a noção de nomadismo rural, esta foi cunhada originalmente pelo relato de vida de Daiane da Silva, que guarda em sua memória todos os lugares por onde passou em busca de terra para sobrevivência. Contudo, leva em sua carga teórica a influência de Jorge Luiz Mattar Villela (1997) em artigo intitulado *O que Distingue o Nomadismo da Migração: o caso de Lampião*. Num primeiro momento, a ideia de nomadismo se forma com base na mobilidade espacial enquanto aspecto fundamental, porém, acrescido da ideia do modo de vida de uma pessoa ou grupo no que concerne à operação sobre seu território espacial, social, político e econômico. No caso de Daiane da Silva, sua atração era por uma terra para trabalhar.

O conceito de Villela também está referenciado na ideia de banditismo como ocorreu no Nordeste brasileiro, que tem a ver com o cangaço enquanto um território de deslocamentos de fugas. Sendo o nomadismo a ligação de um elo que liga um ponto a outro, pontos de descanso, fuga e esconderijo. Por essa razão, aproximamos o nomadismo rural vivido por Daiane da Silva à realidade do cangaço, uma vez que ambos se conectam à concentração da terra no Nordeste brasileiro.

Ainda como uma especificidade do nomadismo praticado por Daiane da Silva, são as terras por onde ela trabalhou que a permitem ligar os pontos entre os elos de sua própria vida. Viver, para Daiane, significa passar pelos lugares onde passou em busca de trabalho, até o momento de ser expulsa e precisar fugir para sobreviver.

Ainda podemos ancorar esta noção de nomadismo na percepção de José Eli da Veiga (2004), quando ele afirma que a ideia de rural não pode se restringir ao sinônimo de agropecuário. Sobretudo, num território como o brasileiro, marcado por profundas desigualdades e uma pluralidade de situações extremas. Assim como Veiga (2004) propõe uma superação da inércia sobre as concepções de rural-urbano, sugerimos a vida de Daiane da Silva enquanto metáfora para superarmos as concepções colonializadoras e estáticas que nos impedem de escrutinar os abismos do rural no território nacional.

Por sua vez, José de Souza Martins aponta um débito nos estudos da Sociologia Rural, um caso de epistemicídio em que:

> As gerações vitimadas por uma sociologia a serviço da difusão de inovações, cuja prioridade era a própria inovação, ainda estão aí, legando aos filhos que chegam à idade adulta os efeitos de uma demolição cultural que nem sempre foi substituída por valores sociais includentes, emancipadores e libertadores: ou legando aos filhos o débito social do desenraizamento e da migração para as cidades ou para as vilas pobres próximas das grandes fazendas de onde saíram, deslocados que foram para cenários de poucas oportunidades e de nenhuma qualidade de vida. (MARTINS, 2001, p. 31)

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Trata-se de um débito entre a produção do conhecimento e as populações rurais marginalizadas. Trabalhadores como Daiane, que além da invisibilidade imposta, caíram no fosso da indizibilidade, a quem se furta o espaço de fala por estarem oprimidos em sua condição de sem-terra. Essa camponesa brasileira representa o rural em toda sua capacidade de resistência. Apesar das constantes expulsões, Daiane não praticou a migração rural-urbana, mas persistiu nos seus deslocamentos rurais, escapando da desumanização vivida por aqueles que se relacionam com a terra.

Ao perguntarmos se Daiane havia passado fome, ela responde que não. Contudo,

> "**Daiane da Silva**: *Aí a gente tinha só, a dificuldade que tinha era de água pra tomar banho, pra beber, carregamos nos carros numa cacimba lá no Chapetão. Lá era uma cacimba e a gente ia buscar. Aí do meio pro fim era no chafariz da dona Flor, que ia buscar ou no carro de mão ou na cabeça. E depois passou pra creche, aí era perto lá de casa, a gente foi buscar. Era assim. Até chegar água encanada, aí quando chegou água encanada, acabou..*" (COSTA, 2024).

Salientamos que Daiane sofre com a dificuldade de acesso à água até os dias atuais, visto que a comunidade Gregório Bezerra não possui água encanada ou qualquer outro tipo de sistema de abastecimento de água, necessitando buscar água para o consumo na casa de uma conhecida da família e carregar os baldes com o auxílio da carroça.

Para elucidar um pouco mais sobre como o nomadismo rural se configura na vida de Daiane, ela nos explicou como foi sua trajetória até chegar na comunidade Gregório Bezerra.

> "**Mariana Barbosa:** *Quando você saiu lá da Campina [Palhano], foi que você veio pra cá ou depois você foi pra casa da sua mãe?*
> **Daiane da Silva:** *Fumo pra casa da mãe, de lá nós vimo, descemo pra Russas, de Russas descemo pro Palhano de novo, do Palhano foi que nós vinhemo pra cá. E tamo aqui até hoje. Olha, durante um ano, sem mentira nenhuma, nós se mudava de casa, se num fosse uma seis casa que nós morasse era muito. Era muito. Nós não tinha canto certo não.*
> **Mariana Barbosa:** *Era onde conseguia. Questão de sobrevivência, né, Daiane?Aonde conseguisse ficar era que se mantinha. Aí vocês sempre ficavam e tentavam conseguir trabalho, era?*
> **Daiane da Silva:** *Era. Primeiramente a gente caçava o trabalho pra depois se mudar pra aquele outro canto. Nunca ficava sem trabalho, não. Toda vida nós trabalhemo nessa rotina.*" (COSTA, 2024).

Ao questionarmos sobre seus filhos, Daiane já começa falando sobre Floriano, seu filho mais velho. Contudo já havíamos escutado ela falando a expressão "minha filha" em um outro momento de formação com as mulheres camponesas da comunidade.

Ao questionarmos se Daiane tinha uma filha, ela me relatou sobre Dália, sua filha mais velha, que não foi criada por ela, mas por sua mãe e que hoje vive com sua irmã de criação, tia de Dália, na cidade de Limoeiro do Norte, fazendo faculdade de Direito.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Antes de casar-se com Jacinto, Daiane era casada com o pai de Floriano, seu filho mais velho, e moravam na cidade de Maranguape, zona metropolitana de Fortaleza. O pai de Floriano foi assassinado em um assalto, e Daiane resolveu vir para perto de sua família, enfrentando mais um deslocamento:

> "**Daiane da Silva**: *Sim, eu morava no Maranguape. Aí foi peguei e vim, decidi vim mimbora, porque lá é muito violento, porque eu tenho uma casa lá, só que eu deixei tudo abandonado, não liguei pra nada, não. Minha não, é dele ali, do Floriano. Aí eu fui, peguei e disse "Menina, eu vou mimbora que aqui é muito violento", a gente longe de família é ruim que só. Aí vim, aí foi uma colega minha, Jasmin, mora aqui em Jaguaruana, sobrinha do Alisson, me chamou pra mim passar a entrada de ano novo mais ela, aí vim. Aí foi, nós fumo pro, tinha um torneio de sinuca no Córrego do Machado, aí o irmão dele apresentou e eu conheci ele.*" (COSTA, 2024).

Não há comentários sobre o pai de Floriano além do seu assassinato e da casa que ficou de herança para Floriano. O pilar central atual da vida de Daiane é o seu atual esposo, Jacinto, que passou incontáveis situações ao seu lado e é pai dos seus dois filhos mais novos, Narciso e Lírio. Ao longo de toda a entrevista, quando comentava sobre algo que ambos tinham passado juntos, Daiane buscava confirmação nas palavras de seu esposo, que prontamente concordava com ela e ainda tecia algum comentário sobre a situação vivida. Jacinto fala que "Tudo o que a gente faz é em parceria", pois "A nossa história é mais a família aqui".

Narciso, o filho do meio, é descrito por Daiane como uma criança "problemática", não porque cause problemas na vida de Daiane e Jacinto, mas porque possui problemas de saúde, como respiratórios, e está inserido dentro do espectro autista. Já Lírio é uma criança "sadia", ou seja, sem doenças. Floriano nunca conheceu o pai biológico, vítima de assassinato, e tem em Jacinto seu verdadeiro pai.

Na visita em que conversamos pela primeira vez com Daiane, como foi mencionado acima, ela contou que Floriano estava passando somente os finais de semana com ela, pois tinha que passar a semana na casa de uma amiga sua na comunidade de Jureminha, zona rural de Jaguaruana. Isso ocorria porque o ponto da rota do ônibus era muito distante da comunidade, causando um desencontro de horários entre o momento de buscar os mais novos, que estudavam de manhã, e ir deixar Floriano no ponto de ônibus, pois esse translado é realizado de carroça.

Durante a entrevista, ao perguntar o porquê de Floriano não estar morando na companhia do casal, ela responde:

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

> "**Daiane da Silva**: *É por causa que agora ele tá mais eu, esse ano ele veio simbora morar mais eu. A gente tá aqui, tamo parado, sem trabalhar, por causa que é melhor ele tá perto da gente do que nas casas. Porque nas casas só aprende o que não presta, né. Nenhum vai dar carinho como a mãe e o pai dá, né. Ele chorava muito quando ia pra escola, porque não queria ir por causa da gente. Aí agora a gente tá aqui, deixamo o trabalho, tamo aqui pra ele ir pra escola. Aí sai dali, onze e meia pra deixar ele aqui, aí pega esse. Aí ele fica ali na Rosa e de lá vai pra escola. Cinco e meia, seis e meia eu vou buscar ele na Rosa.*" (COSTA, 2024).

Em outras palavras, Daiane precisou escolher entre o trabalho e a criação de seu filho por conta da rota do transporte escolar que não contempla os moradores da comunidade Gregório Bezerra.

Quanto ao trabalho de Daiane, por conta da criação dos filhos, ela não consegue trabalhar durante a semana, mas consegue realizar aos finais de semana. A coleta de talos secos de carnaúba para a alimentação da fornalha das fábricas de cimento é o trabalho que dá a Daiane o seu sustento, trabalho que era muito realizado por mulheres no começo do processo de industrialização da economia, com o uso de gravetos secos para a combustão dos fornos.

Ao descrever minuciosamente o seu trabalho, Daiane cita os perigos envolvendo bichos peçonhentos, como cobras, no momento da coleta dos talos nos carnaubais e o baixo preço pago pelo trabalho:

> "**Daiane da Silva**: *A coleta do talo é assim. A gente vai porque assim… Hoje nós vamo pra lá. Hoje nós vamo, amanhã nós trabalha, domingo a gente trabalha. Porque nós vamo hoje a tarde porque vai ter coletivo, aí o Jacinto tá no coletivo, aí não vamo poder ir de manhã, aí nós só vamo a tarde. Aí passa sábado e domingo. Segunda feira de manhã bem cedinho nós vem simbora. Você cata o talo, faz um feixo assim, aí cê pesa, amarra, pesa. 12 centavos o quilo. Aí você pega, leva, né, pro homem vim buscar ou então se você for deixar na carroça é 15 centavos. É a mesma coisa, não aumenta nada, né. Aí você de quinze em quinze dia recebe o dinheiro. [...] Bem duzentos. Às vezes nem duzentos não dá, é pouco. [...] E o perigo cobra? Menina, tem tanta cobra que na hora que ele levantou tinha uma cobra em cima do feixo, eu fiz ele jogar o feixo. Ali tinha outro. Menino, tem cobra!*" (COSTA, 2024).

É com duzentos reais a cada quinze dias e com o dinheiro do Bolsa Família que Daiane consegue manter sua família durante o mês, realizando uma pequena feira e recebendo doações de conhecidos, pois, como Jacinto diz, eles não possuem familiares que os ajudem, visto que a única que fazia isso era a mãe de Daiane e ela faleceu há alguns anos.

Ao perguntar para Daiane sobre sua vida na comunidade, ela diz que vai começar a contar do começo e então inicia a relatar todo o processo de nomadismo rural que viveu em

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

sua vida adulta até chegar à Gregório Bezerra. Os locais por onde Daiane já passou antes e após casar-se com Jacinto são, em sua maioria, cidades vizinhas. As cidades de Jaguaruana, Palhano e Russas pertencem ao Vale do Jaguaribe, no Ceará, e possuem dinâmicas de vida muito similares, mas não homogêneas. A cidade de Jaguaruana é marcada pela forte produção da rede de dormir e da carcinicultura, enquanto a cidade de Russas é conhecida pelas indústrias ceramistas, na produção de telhas e tijolos. A cidade de Palhano, por sua vez, tem o foco na produção de artesanato com palha e na agricultura. O ponto de convergência de todas essas cidades é o latifúndio, caracterizado, nestes casos, pelas empresas de fruticultura, sistema que marca profundamente os trabalhadores rurais de todo o Vale do Jaguaribe.

Ao se "juntar" com Jacinto, Daiane viveu situações de moradia precária, tendo que dormir no chão por falta de rede na cidade de Palhano, vivendo também momentos de trabalho forçado em uma cerâmica na cidade de Russas, com o seu esposo sendo medicado para ficar acordado e não parar de trabalhar, como ela denuncia aqui:

> "**Daiane da Silva**: *Aí a mãe dele bem pertinho de nós, morava como daqui a aí, nunca deu uma rede a nós pra nós dormir. Que era assim, ele criava a menina dele e eu tinha o Floriano, aí era três rede, quando nós dois se ajuntemo. Não vou mentir dizer que tinha mais coisa, que não tinha, né. Não adianta você mentir. Aí foi a rede da filha dele se rasgou, aí pra não deixar a bichinha dormir no chão, peguemo, demo a nossa rede a bichinha, fumo dormir no chão. Eu mais ele. Peguemo a rede dela, botava no chão, um lençol, dormia. Quando começava a chover, que vinha água pro chão, nós ficava no cantinho da parede, esperando a chuva passar pra limpar pra se deitar de novo. E as vezes tirava o resto da noite todinha acordada, bebendo café, conversando, esperando a chuva passar. Era assim. Foi seis meses. Aí quando foi um dia, eu fui na casa da minha mãe e eu disse a mãe "Mãe, eu tô dormindo no chão", aí a mãe até brigou comigo porque eu não tinha ido, porque eu não gostava de pertubar ela. Aquele tipo de coisa, você se ajuntou, saiu de dentro casa? Pra quê tá perturbando a mãe? Eu nunca gostei. Aí foi a mãe pegou me deu uma rede, me deu duas rede, aí era uma minha e outra do Jacinto.*" (COSTA, 2024).

Ainda sobre o trabalho forçado realizado por Jacinto na fábrica de cerâmica, ela continua a explicar:

> "**Daiane da Silva:** *Era arribite*[4] *vinte e quanto horas, por isso que hoje em dia ele tá com problema. Porque se não tivesse o arribite, dormia. Era*

[4] Segundo a matéria "Por que o rebite é uma roubada para a sua saúde" do Estradão - ramo do Estadão que fala sobre o setor automobilístico e rodoviário - é o medicamento conhecido como "rebite" ou "anfepramona" que tem como intenção de uso a perca de peso. Um de seus efeitos colaterais é a insônia, por isso é popularmente utilizado para que o sujeito passe muitas horas acordado. O medicamento é similar à anfetamina, mas de uma forma mais leve. Como toda droga, seu uso de forma não prescrita e exagerada causa a perda de efeito na dose utilizada, necessitando de doses cada vez maiores para suprir a necessidade do sujeito. O "rebite" atua diretamente no sistema nervoso central e seu uso excessivo aumenta a frequência cardíaca e a pressão arterial, podendo provocar alucinações visuais e auditivas. ESTRADÃO, **Por que o rebite é uma roubada para a sua saúde**. Disponível em: https://estradao.estadao.com.br/post-patrocinado/por-que-o-rebite-e-uma-roubada/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20rebite,Ag%C3%AAncia%20Nacional%20de%20Vigil%C3%A2ncia%20Sanit%C3%A1ria). Acesso em: 22 fev. 2024.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

> *uma cartela de arribite dentro do café e uma cartela pra tomar, durante a noite. Aí durante o dia era outra cartela de arribite dentro do café e duas cartela de arribite pra tomar. Tomava em torno quarenta arribite por dia. Quarenta arribite por dia, ele tomava, sem mentira nenhuma. [...] E ainda botava cinco milhero de telha pra fora. Aí não dormia, era como louco dentro de casa, mal chegava. Aí ele chegava e não podia dormir, assim, o forno dava um entrevado de uma hora, aí não podia dormir o entrevado que o forno dava uma hora, porque ia me ajudar com os meninos. Tinha o Narciso que tinha problema e tinha o Floriano que tinha que ir deixar no colégio, tinha que ir buscar, essa coisa assim. Tinha que me ajudar, não dormia. Botava cinco milhero de telha pra fora. [...] Uma vez ele tomou tanto... a última vez que eu vi ele se acabando, eu cheguei pra ele e falei "Eu prefiro passar fome, pedir esmola", eu não nego, não. "Eu prefiro pedir esmola do que ver você se matando. Sabe o que nós vamo fazer?" Porque ele não dormia de noite, ele deu uma pertubação, porque se eu fosse outro tipo de mulher mole, eu tinha corrido de dentro de casa. Porque ali tava arriscado ou ele me matar ou ele fazer um arte com ele, porque ali ele tava arribitado demais, doido. Ele via coisa que eu não via. Dizia que via um vulto e eu não via ninguém.*" (COSTA, 2024).

Jacinto disse que estava "Se matando pra dar vida aos outro. Mas foi nessa luta que nós conseguimo a consulta dele [Narciso], foi toda através desse trabalho forçado, porque se não fosse, nós não tinha descobrido". Alba Zaluar (1994) relata que os moradores da Cidade de Deus possuíam total consciência dos acontecimentos de sua vida e da negligência do Estado, assim como Jacinto percebe a ausência de qualquer dignidade trabalhista na cerâmica, reconhecendo o trabalho forçado que teve que desempenhar para sobreviver.

Até chegar na comunidade, Daiane e Jacinto foram muito humilhados e passaram por situações de violência, como assaltos e perseguições. Ela conta que, durante seu puerpério de Narciso, a prima de Gilmário os expulsou da casa em que estavam morando, dizendo que: "Ói, cuide em ajeitar suas coisas e pega o beco, porque se entrar água na minha casa [...] Se entrar água na minha casa, eu vou entrar lá pra dentro, eu rebolo as coisas no meio da rua. Nesse tempo eu tava de resguardo de Narciso".

Na obra de Itamar Vieira Júnior, "Torto Arado" (2019), os moradores da fazenda onde as protagonistas moram também passam por incontáveis abusos e ordens de expulsão por donos de terra que mal conhecem o chão que pisam. Os sujeitos que possuem a conexão com a terra são o que são maltratados e expulsos dela, como também é o caso de Daiane. Nos locais em que Daiane ficava com seu esposo, os dois cuidavam da terra e dos animais, mas, quando ocorria uma humilhação ou uma violência, como um assalto, isso fazia ambos saírem daquele local.

O encontro da paz em um território de resistência é muito significativo, mostrando que as lutas que ela enfrentou e os processos que ela viveu a levaram até ali. Perguntamos sobre os afazeres de Daiane em seu lote:

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

> "**Mariana Barbosa:** *O quê que vocês fazem na comunidade?*
> **Daiane da Silva**: *Aqui é assim, a gente cuida do que é nosso ainda. Ainda tamo cuidando, terminando a barraca, ajeitando a barraca, limpando o terreno ainda. Assim nós tamo cuidando do que é nosso. Não tamo plantando nem nada, não. [...] Porque nós tava trabalhando e não tinha como... como é que se diz? Cuidar. Não adiantava plantar e a bicha morrer. E agora daqui pra frente a gente vai continuar, que agora nós tamo aqui dentro.*
> **Mariana Barbosa:** *Você gosta de estar aqui?*
> **Daiane da Silva:** *Ah, eu acho aqui bom! Os menino aqui ama. O Narciso diz assim, que ele é hiperativo, diz assim „Aqui não tem internet, não tem tecnologia. Mas aqui é bom porque tem a natureza".*" (COSTA, 2024).

Quando foi questionada sobre qual seria a lição de sua vida, ela responde que seria uma lição boa, pois seus filhos viam suas batalhas, que ela nunca desistiu e que devem tê-la como exemplo. Orgulha-se das suas vivências e da sua capacidade de reinvenção diante das adversidades da vida. Acredita também no poder de transformação da educação, alegando que seus filhos nunca pararam de estudar, pois, mesmo com todas as mudanças de morada, seus filhos estavam sempre matriculados e frequentando a escola mais próxima. Esta é uma das perguntas que Daiane responde com uma contenção de palavras, não falando muito, mas buscando deixar claro aquilo que acredita.

Certamente, esta foi nossa primeira aproximação com Daiane da Silva, o que nos permitiu compreender seu modo de vida na região do Vale do Jaguaribe no estado do Ceará, e apontou para seus deslocamentos frequentes, fato que resultou na concepção inédita da noção de nomadismo rural forçado, cunhada com base na experiência que nos foi relatada. Contudo, a continuidade da pesquisa deverá apontar para as desigualdades que são próprias das relações de gênero, em específico, ao projeto familiar de Daiane da Silva e ao modo de vida das mulheres que vivem na comunidade de resistência Gregório Bezerra.

Essa escolha não ocorreu aleatoriamente, mas surgiu como resultado desta primeira aproximação e da observação da participação das mulheres no processo de luta pela terra no assentamento. Constata-se a presença e a liderança de mulheres nos momentos de luta e as múltiplas dificuldades que elas vivem, principalmente em seus sonhos de terem uma vida mais digna para si e para suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daiane se identifica como mulher, mas uma mulher "macho", aquela que se percebe como uma mulher que não tem medo da vida e a enfrenta com muito trabalho. Judith Butler (2001) e Adriana Piscitelli (2002) afirmam que o "ser mulher" é uma vivência muito

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

particular para ser amarrada a um único conceito universalizador. A vivência de ser uma "mulher macho" não a faz menos mulher que qualquer outra de seus pares, visto que é a vivência que forma a identidade e que esta não é fixa e única, baseando-se nas ideias pós-estruturalistas.

Por meio do método das narrativas de vida, observou-se como Daiane fita a sua vida através da ótica do nomadismo rural, relatando tudo graças às diversas mudanças que precisou fazer ao longo de sua história, desde sua infância até sua vida adulta, por questões de busca pela sobrevivência e por um mínimo de dignidade para viver. Verifica-se a falta de proteção social que ela enfrentou desde o começo de sua vida, com o desamparo do Estado. Hoje em dia, recebe o programa de transferência direta e indireta de renda, o Bolsa Família, mas com as demandas de sua vida, não se mostra suficiente para o sustento, tendo que enfrentar relações de trabalho precárias para conseguir complementar. Unindo a renda do Bolsa Família com o dinheiro da coleta de galhos secos, Daiane diz que ainda não é suficiente e que o dinheiro só dá para a alimentação. Quanto às roupas, Daiane diz que ela e seus filhos recebem doações de roupas e que somente assim conseguem ter roupas novas, pois, se tirar dinheiro para comprar roupa, falta dinheiro para comprar comida.

O latifúndio faz parte da história colonial do Brasil, com o sistema de *plantation* na época colonial, e do avanço e incentivo do agronegócio nos dias atuais. Esse mesmo latifúndio é responsável por deixar pessoas como Daiane e Jacinto sem terras para viver e plantar, causando o nomadismo rural que foi explicitado neste artigo. O Estado, enquanto responsável por seus cidadãos, negligencia as demandas de reforma agrária em todo o país, aumentando ainda mais os índices de conflito pela terra. O Estado desampara e negligencia vidas como a de Daiane e de milhares de outras camponesas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Francisca Daiane da Silva Costa e sua família por terem doado seu tempo e sua atenção para nossa pesquisa e por permitirem nossa aproximação, escuta e publicação de suas entrevistas, sem que isto lhes traga nenhum benefício direto.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. São Paulo | Natal: Paulus e EDUFRN, 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In:* LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte:

Autêntica, 2001, p. 151-172.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Boitempo, São Paulo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

COSTA, Francisca Daiane da Silva. Entrevista I. [fev. 2024]. Entrevistadora: **Mariana Barbosa do Nascimento**. Jaguaruana, 2024. Arquivo Daiane.mp3 (32 min)

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** corpos e acumulação primitiva, Elefante, São Paulo, 2017.

FRANCHINI, Bruna Santiago. O que são as ondas do feminismo? **Revista QG Feminista**. 2017. Disponível em: https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a. Acesso em: 23 fev. 2024.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

MARGARIDA. Entrevista I. [mai. 2023] Entrevistadora: **Mariana Barbosa do Nascimento**. Mossoró, 2023. Arquivo Margarida.mp3 (27 min)

MARTINS, José de Souza. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos avançados**. v. 43, n.15, dez/2001, p. 31-36. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300004

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. Movimento de Mulheres Camponesas, 2021. Quem somos. Disponível em: https://mmcbrasil.org/home/quem-somos-e-nossa-missao/. Acesso em: 10 fev. 2024

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos Didáticos**, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

RIBEIRO, Edla Freitas; VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero. **Revista Eletrônica do Netlli**, v. 9, n. 4, p. 209 - 224, Out - Dez 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/54443/1/2020_art_smfvasconcelosefribeiro.pdf. Acesso em: 23 fev. 2024.

VEIGA, José Eli. A dimensão rural do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2004, p. 71-94. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/246. Acesso em: 23 fev. 2024.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. O que distingue o nomadismo da migração: o caso de Lampião. **Travessia**. Abr/Jan 1997, p. 25-28.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. As raízes históricas do campesinato brasileiro. *in* XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1996, CAXAMBU - MG. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-5.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Revista Macambira

Informações do Artigo	**Article Information**
Recebido em: 30/06/2024 **Aceito em**: 12/08/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 06/30/2024 **Accepted in**: 08/12/2024 **Published on**: 09/30/2024
Contribuições de Autoria *Resumo*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Introdução*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Análise de dados*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Discussão dos resultados*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Conclusão*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Referências*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Revisão do manuscrito*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Aprovação da versão final publicada*:Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento	**Author Contributions** *Abstract/Resumen*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Introduction*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Theoretical Reference*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Data analysis*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Discussion of results*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Conclusion*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *References*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Manuscript review*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento *Approval of the final published version*: Karlla Christine Araújo Souza, Maria Barbosa do Nascimento
Conflitos de Interesse As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT SOUZA, K. C. A.; NASCIMENTO, M. B. do. Narrativas de vida da camponesa Daiane da Silva e suas lutas diárias pela sobrevivência . **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426	**How to cite this article - ABNT** SOUZA, K. C. A.; NASCIMENTO, M. B. do. Life Narratives of peasant Daiane da Silva and her daily struggles for survival. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081030, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1426

Licença de Uso	**Use license**
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.